

EMILIA PARDO BAZÁN, CRÍTICO DE ROSALIA

ARACÉLI HERRERO FIGUEROA

Universidade de Santiago

É o nosso propósito considerar e avaliar os juízos críticos de dona Emilia Pardo Bazán a respeito da obra rosaliana contidos no volume *De mi tierra* (1). Dentro do livro, no estudo titulado "La poesía regional gallega" é onde com muita mais extensom que em qualquer outro lugar se ocupa de Rosalia, se bem tamém som interessantes, como complemento, "El olor de la tierra", "Luz de luna", "Vides y rosas", "El Cancionero popular gallego", "¿Idioma o dialecto?" e "Corrección y postdata al discurso sobre "La poesía regional gallega".

Certamente, as opinións da condessa mais servem para caracterizá-la que para achegarmo-nos propriamente a Rosalia, mas cremos de interesse ver como a multiplicidade de aspectos da obra rosaliana, da que falava o professor Carvalho Calero na primeira sessom plenária do Congresso, foi obliterada por dona Emilia. Assi, na nossa comunicacòm, fazemos vários apartados, através dos quais veremos que a image de Rosalia fica muí reduzida: restringida a sua obra galega e omitida a escrita em castelhano.

Mas nom nos limitamos ao como, senom que analisamos os porqués desta restricòm, e nisto é interessante considerar a localizacòm da poetisa dentro do Rexurdimento, o Rexurdimento mesmo e a utilizacòm da língua galega na literatura.

Nom temos porque duvidar que, como crítico, a Pardo Bazán exprime a sua sincera opiniom, se bem poderia considerar-se que, como di Murguía (2), no momento da leitura pública de "La poesía regional gallega", fosse mais oportuno um discurso laudatório e um discurso mais centrado na cantora galega, tendo em conta o mes e meio de intervalo com a morte de Rosalia e a finalidade do acto. Mas ainda assi, mercé aquel discurso necrológico, conhecemos a doutrina de dona Emilia, e cumpre destacar que a organizacòm e estruturacòm do seu trabalho están em virtude do seu título.

Convém tamém ter em conta que a velada em honor de Rosalia, celebrada no *Liceo de Artesanos* de A Corunha, o 2 de Setembro de 1885, contava com duas figuras centrais: dona Emilia e Castelar; corria a cargo da primeira presidir o acto e abri-lo com um discurso, e a cargo do segundo, já concretamente, cingir, como a condessa di, "la corona de laurel al busto de la Musa" (3). Portanto, era missom de dona Emi-

(1) Edicións Xerais de Galicia, Vigo, 1984.

(2) M. Murguía, "Cuentas ajustadas, medio cobradas", *La Voz de Galicia*, 3 de Diciembre, 1896.

(3) *De mi tierra*, p. 7.

lia traçar umha panorámica introdutória do hino harmonioso que unisse dous nomes que o público amava muito: Rosalia e Galiza (4).

Comprendemos que Murguia quixesse umha velada mais adicada à nossa autora, mas como desconhecemos o contido do discurso de Castelar, parece incorrecto considerar, dentro do acto, o da condessa isoladamente.

Os objectivos de dona Emilia eram, como ela di, infundir a Galiza maior consciência das suas peculiares aptitudes e do sentido da sua vida intelectual e literária (5), emitir um juízo sereno sobre Rosalia, sereno e nom precisamente justo, porque já em vida se lhe reconheceram os seus méritos (6), e a estes propósitos engade-se o adicional da publicação de *De mi tierra*: saciar a curiosidade do leitor espanhol sobre as literaturas regionais, o florecimento dos dialectos e a vida provincial. Pode assi compreender-se que no discurso tenha grande peso o estudo do renascimento galego e, mesmo, que se omita a obra castelhana de Rosalia.

Segundo dona Emilia, a literatura regional é aquela escrita na fala do país, e assi nos di, ao falar de Nicomedes Pastor Díaz, que este, com merecimentos maiores que alguns poetas regionais, ainda que tamém mui penetrado do espírito da sua terra, nom obtivo o “divino néctar” da popularidade e da fama que obtivérom vates cuja herdança se reduce a meia dúzia de composiçõs de desigual valor, porque aquel escreveu em castelhano, e ademais, a poesia propiamente galega é a que tem as raízes no coração, a que se aprende de memória (7).

Portanto, ademais da língua como elemento delimitador da literatura galega, está a integraçom com a terra, integraçom que dá a temática rural e costumista, da que a Pardo Bazán gosta e deseja impere.

Ela, como autora, nom se inclui, por suposto, na literatura regional; ela pertence à classe daqueles outros escritores que tenhem o castelhano como verdadeiro idioma, e que sentem a proximidade do dialecto que, como di, “comunica perfume campesino y agreste al habla majestuosa de Castilla” (8).

Marca assi o límite entre o que denomina literatura regional e a literatura nacional.

Esta literatura regional galega nada tem que ver com aqueles trovadores “muertos y bien muertos”, e desconhecidos pola maioria dos líricos galegos actuais. É impossível calquer entronque com o anterior; este resurgimento tem mais o espírito dos remotos progenitores celtas, e nom deve fazer-se como fam os “reaccionarios felibres” ao intentarem ressuscitar um estilo e umhas formas caducas e inajeitadas.

(4) *Ibid.*, p. 42.

(5) *Ibid.*, p. 9.

(6) *Ibid.*, p. 13.

(7) *Ibid.*, p. 9.

(8) *Ibid.*, p. 15.

A literatura antiga

Daquel florecimento e cultivo de que falava o Marqués de Santillana, nada quedou, di dona Emília, a nom ser a obra de Afonso X e as notícias de Macias e de Joám Rodríguez do Padrom, anécdotas vitais mais interessantes que as respectivas obras.

O renascimento galego nom deve ter saudade daqueles tempos, e nom deve desviar-se do ruralismo que ha primar em toda literatura regional. A literatura antiga, desaparecida, tivo e tem em Portugal a projecção de que se viu primava aqui; no idioma de Almeida Garret pode Galiza ver reflexada a evolução provável do seu (9). Mas a literatura galega foi afogada na sua adolescência. Galiza soltou entristecida o seu velho laúde, retirou-se à montanha, calçou zocos de pastora e só, ao morrer a tarde e recolher o gando, entoa alguma copla rústica (10).

Canto à literatura antiga, dona Emília manifesta desinformação, isto vai ser um dos pontos que aborde Murguía, conhecedor já da edição do Cancioneiro da Vaticana (11); mas a condessa é consciente da uniom de Galiza e Portugal, “mejor que regiones análogas podemos considerar a Portugal y Galicia un país mismo”, di, sem pretendermos con isto fazer da Pardo Bazán umha precursora reintegracionista; como tem dito Carvalho, o Reintegracionismo nace lingüísticamente com a romanística e politicamente com o galeguismo, e a Pardo Bazán mantém-se no terreno lingüístico e literário, consciente de umha orixe comum e umha prolongação daquela língua e tradição no país vizinho, uniom que ainda hoje alguns desinformados parecem nom aceitar.

A literatura regional

Este tema, como dixemos, é fundamental para a comprensom do enfoque crítico da condessa, que fala do despertar vigoroso do espírito da raça que, ao tempo que impulsou o nacimiento da literatura, tamém fomentou a aparição das Associaçoms de Folclore.

A literatura, di, é fundamental para as línguas, se bem o termo literatura nom só se refere às belas artes: tamém é cultivo literário para un idioma “la conversación entre gentes instruidas, el comercio epistolar, la oratoria sagrada y profana, los instrumentos públicos; y todo esto en Galicia esto se hace en castellano” (12).

Tras passar revista às literaturas catalana e provenzal, detendo-se mui especialmente na primeira e rejeitando, como dixemos, as linhas poéticas dos “reaccionarios felibres”, mostra as desvantages da galega, desvantages nacidas nom da incapacidade de raça, mas da falha de elementos de vitalidade interior e consequência ineludível do

(9) *Ibid.*, p. 17.

(10) *Ibid.*, p. 24.

(11) M. Murguía, “Cuentas ajustadas, medio cobradas”, *La Voz de Galicia*, 15 de Diciembre, 1896.

(12) *De mi tierra*, p. 19.

“abatimiento general en que la desventura, y la apatía que engendrar suele, nos tiene sumidos”.

Galiza, sem letras desde o XV ao XIX, foi, mesmo, infecunda em literatura em castelhano (13), e o renascimento está limitado ao terreno da lírica, terreno onde à sua vez muitos vates nom passam de ter um mui limitado número de composições de valor.

Hai assi um problema com os autores galegos, alguns dos quais practicam umha “operación mental” sempre dificultosa, por mais que seja inconsciente: construir em galego o que pensaram em distinta língua (14).

Canto à formação dos autores regionais, onde está explicitamente abordado por dona Emília é em “El olor de la tierra”. Ali se retracta da sua primitiva recomendação de que se formassem no conhecimento de outras literaturas: o autor da literatura regional non deve parecer-se a um bom poeta castelhano; é pretensom “imposible y absurda”. O que a condessa pide ao poeta galego é que os seus versos pareçam pensados e sentidos por um aldeão (15).

E no que respeita aos estudos desta literatura regional, aconselha que se enfoquem com critérios particulares, já que é empresa mui árdua disecá-la, aplicando-lhe procedimientos críticos. Ademais, a crítica que se fai dela é umha crítica indulgente que pode, mesmo, pecar de parcialidade, desarmado o crítico ante aquela literatura pola sua graça e polo seu aroma de flor nacida nas montañas e nos lindeiros incul-tos (16).

A literatura regional, di, é umha ponte entre a literatura culta e a popular. Dona Emília confessa amar a literatura regional, ainda que abrigue dúvidas sobre a sua utilidade e porvir, e rechace o que representa ou pode representar no terreno político.

Esta derradeira afirmação, contida já nas primeiras páginas (17), vai ser, na parte final, desenvolvida de forma insistente, e de novo asumida numha nota posterior à leitura do discurso (18).

Nom é que a condessa considere a literatura como o germe do separatismo que ela tanto teme (19): a tendência separatista, o descontento, já existiam, di; mas nas literaturas regionais acharom formulação explícita (20), tanto na catalana como na galega. Pardo Bazán teme o fanatismo derivado da intensidade de apego ao “rincón natal”, que no terreno político pode levar à desmembração da “pátria”, “inviolable en su unidad, santa en sus derechos” (21).

Este separatismo regionalista é um dos vários síntomas “del sordo y latente ma-

(13) *Ibid.*, p. 29.

(14) *Ibid.*, p. 23.

(15) *Ibid.*, p. 55.

(16) *Ibid.*, p. 17.

(17) *Ibid.*, p. 17.

(18) *Ibid.*, p. 46.

(19) *Ibid.*, p. 41.

(20) *Ibid.*, p. 39.

(21) *Ibid.*, p. 40.

lestar actual de la patria española”, que, “con tres años de buen gobierno (que nunca tendremos probablenene) se acabaría” (22).

E lógico que, ante o exposto, nom gostando da poesia cívica e comprometida, destaque em Curros as composiçõs premiadas no Certame de Ourense, pospondo aquelas mercé às quais acadou a máxima celebridade. Isto motivará que o celanovés inclua à condessa en *O divino sainete*, obra que sai à luz o mesmo ano que *De mi tierra*; mas a condessa tivo tempo a conhecé-la ou a ouvir dela, já que na “Corrección y postdata al discurso sobre “La poesía regional gallega” cremos alude a aquela ao falar do “libelos” que, ainda que lhe doan como ingratidade, nom a levaron a modificar em nada o contido da leitura de 1885 (23).

Por todo o visto, no renacemento regionalista, a juízo da condessa, deve dominar o elemento idílico, rústico, costumista. Manifestando assi um conceito restringido, limitado, estático, e latendo trás das suas concepçõs a esperanza e o desejo con que fecha o discurso: “que no tome cuerpo tangible ninguna idea contraria a la patria, lo cual sería para las literaturas regionales cargo más grave que el de romper la del idioma y del pensamiento artístico nacional” (24).

Rosalia e o Renacemento

Dona Emilia traça um cuadro do rexurdimento galego dividido en dous momentos: um primeiro, de 1850 a 1860, no qual inclui a vários autores, detendo-se especialmente em Añón e Pondal (na que denomina primeira época do autor); e um segundo momento que considera inaugurado com a publicaçom dos *Cantares* rosalianos: Rosalia aparece situada nesta segunda etapa, que ela mesma inaugura, junto a Curros, Lamas, Losada, a segunda época de Pondal etc.

Visto o assinalado, é lógico que destaque especialmente o que para a condessa é obra representativa do momento e do renacemento segundo a sua concepçom: *Cantares*; mas cremos que o apontado merece maior atençom a fim de formular as conclusons do nosso trabalho.

Rosalia autora

Se nos atemos aos critérios recolhidos no volume que manejamos, vemos que a visom que se nos proporciona é fragmentária, parcial. Das obras maiores: *Cantares Gallegos*, *Follas Novas*, *En las Orillas del Sar* e *El Caballero de las Botas Azules*, só se atende ao primeiro dos livros, relegando o segundo e silenciando os restantes. Restriçom e omissom, portanto.

(22) *Ibid.*, p. 46.

(23) *Ibid.*, p. 299.

(24) *Ibid.*, p. 42.

A condessa, numha nota final, a famosa nota 20 que tanto lhe doe a Murguia, di textualmente:

“Además de *Cantares*, Rosalia Castro ha dado a luz otra colección de poesías gallegas, *Follas Novas*, con un prólogo de Castelar; una de poesías castellanas, *A las orillas del Sar*; varios artículos, y ensayos, en el género novelesco” (25).

É todo o deplorável que se queira o lapsus no título do libro de versos castelhana (26); cremos que o que realmente hai é desinformaçom, desconhecimento, mais incluso que desinteresse. E no que respeita aos “ensayos, en el género novelesco”, hai que reconhecer que é mui provável que existissem dificuldades de acceso às publicaçoms, e, de chegarem às suas mans, talvez haja menospreço. De todas as formas, nom cremos mereza muito a pena parar-se a analisar esta nota 20, que pensamos foi introduzida com posterioridade à redaçom do discurso, e, mesmo, um tanto improvisada na sua redaçom.

Ademais, como já apontamos no começo, a omissom da obra castelhana pode ser consecuencia da finalidade do discurso: se se pretendia informar ao público do panorama da renacente literatura galega, directrizes e ubicaçom dos principais autores, mesmo pode parecer coerente, dado o já indicado para Nicomedes Pastor Díaz, que nom se contemplasse o que nom estivesse escrito na fala do país.

Rosalía, autora galega

Se canto à obra castelhana existe omissom, com as possíveis justificaçoms apontadas, canto à obra galega, como indicámos, hai limitaçom: Rosalia, como poeta, deve marchar acompasada com o renascimento, com as linhas que a condessa deseja primem nel; ser a voz que, integrada na “terra”, cante os seus costumes, reflexe a sua raça, até quase converter-se em voz anónima que enriqueça o cancioneiro popular, voz anónima dos cantos que o povo aprende de memória e nom reconhece como de autoria. E isto semelha dizer quando destaca como muitos dos cantares glossados, parafraseados como di, som atribuídos a Rosalia polas gentes, mentres que as glossas rosalianas som consideradas de património popular: e esse é precisamente, a juízo da condessa, um grande triunfo para a poetisa.

No trabalho sobre Benito Losada, “Vides y rosas”, define o seu gosto pola literatura costumista cando confronta a aquel poeta com Valentin Lamas. Canto a Rosalia, di:

“Acaso, después de Rosalía Castro, es Benito Losada el poeta gallego que mejor hace hablar a los labriegos y que con más fidelidad reproduce el colorido de sus fiestas y la gracia de sus costumbres” (27).

(25) *Ibid.*, p. 45.

(26) M. Murguia, “Cuentas ajustadas, medio cobradas”, *La Voz de Galicia*, 3 de Diciembre, 1896.

(27) *De mi tierra*, p. 89.

Por todo, *Cantares* é o livro que lhe merece a dona Emília maior atençom, e demora-se nel outorgando-lhe umha análise mais profunda que a *Follas Novas*, livro sobre o que passará rapidamente e que enfoca em oposiçom a *Cantares*, oposiçom que bem pode entender-se como excessiva potenciaçom do primeiro em detrimento do segundo.

Cantares Gallegos

Rosalia é definida como o insigne poeta regional, a Safo galega, poeta verdadeiro, nom poetisa, se bem, como mulher que é, por estarem as mulheres mais próximas à ingenuidade do povo, soubo traduzir à maravilha a alma do país (28).

Poderíamos analisar o anteriormente exposto, mas desembocaríamos no tema do feminismo, e nom propriamente o rosaliano, senom canto a dona Emília; mas o tema excede o nosso interesse, e, por outra parte, o feminismo em Rosalia vai ser abordado noutras comunicaçoms do Congresso.

Portanto, fixemo-nos no que, em derradeiro lugar, aponta dona Emília: a identificaçom, de que já falámos, de Rosalia com o povo, identificaçom que este compensou com a fama e glória que lhe outorgou em vida.

E por isso Galiza deve ser defendida da acusaçom de ingratidão para com os seus autores; e canto a Rosalia, na terra, todos lerom a sua obra, e mereceu as atençoms dos galegos de além mar. Assi, gozando a poetisa de celebridade, logo da sua morte precisa de um juízo sereno, que é, como dixemos, um dos objectivos do discurso, e o que a Pardo Bazán se propom emitir, se bem Murguía pense que, como Arostogitom, cubrindo de flores a espada (29).

Já dentro da crítica dos *Cantares*, “lo mejor que Rosalía ha producido, y lo más sincero de la poesía gallega, lo que más copia la fisonomía tradicional y pintoresca del país” (30), Pardo Bazán destaca a identificaçom com o espírito verdadeiro do renascimento regionalista, sublinhando o mérito da métrica: a soltura na sua utilizaçom; assi como tamém a utilizaçom da língua: a perfeiçom, a unificaçom, a sua ductilidade (“sabor a fresa silvestre”, di). Sem embargo, nos comentários dos poemas ao seu juízo mais destacados, omite aqueles nos quais hai compromisso com Galiza, para, na parte final do discurso, nas admoestaçoms sobre os perigos do separatismo, incluir, como exemplo, aqueles fragmentos de “Castellanos de Castilla” e “A gaita gallega”, que lhe dam pé para comentar a desmembraçom da “patria”, palavra que dona Emília se detem em precisar, já que é confundida na linguagem falada e escrita com o conceito de “tierra” ou “región nativa” (31).

Nestes poemas, em que as queixas de Rosalia sòm comuns a outros poetas de

(28) *Ibid.*, pp. 16, 13 e 32.

(29) “Cuentas ajustadas, medio cobradas”, *La Voz de Galicia*, 3 de Diciembre, 1896.

(30) *De mi tierra*, pp. 31, 32.

(31) *Ibid.*, pp. 38, 40.

outros ámbitos, o povo galego nom pode ver-se identificado: é um povo “práctico y serio en medio de su misma postración”, que nom deu o menor sinal de que a perigosa utopia do separatismo poda aninhar nel (32).

Assi, pois, os devanditos poemas nom som do agrado da Pardo Bazán como crítico, por representarem o germe de conflitividade que conleva a literatura regional. E se Rosalia traduz à maravilha a alma do país, é só cando se mantem “en el tono apacible de los *Cantares*” (33).

Follas Novas

Semelha que dona Emília nom considera procedente na literatura regional o papel de umha “poetisa”, rejeitada o que denomina sujeitivismo e relega o livro *Follas Novas*, na maior parte do qual di falar Rosalia “por cuenta propia” repetindo as eternas queixas com as que já nom aporta nada novo, e sai, arreda-se do espírito da literatura regional, que parece ser o único lugar que lhe concede, e fora do qual nom pode competir.

Assi, considera como destinatário da literatura galega ao povo que gosta das composiçõs que “brotan sin estudiado aliño, del vivo manantial popular” (34). E por isso tampouco lhe parecen oportunas as inovaçõs métricas, inovaçõs que revelam “más ciencia, que no mayor tino”, nem a utilizaçom da língua galega, que parece indicar artificiosa e inadecuada, já que Rosalia pide só ao dialecto “la envoltura de su sentir” (35).

Portanto, nem a forma nem o contido nem o meio de expressom som acertos. E no que respeita a Rosalia como autora, por desconhecer, ou, se se prefere, prescindir dona Emília do volume *En las orillas del Sar*, dá umha visom fragmentária: sem dúvida o livro castelhano seria de grande ajuda para comprender e completar à Rosalia de *Follas*, se bem é verdade que quizá a atençom de dona Emília ía só encaminhada cara a ubicaçom da poetisa na literatura regional, no renascimento galego, e nom cara um estudo completo da sua personalidade literária. De todos os jeitos, consideramos mui provável que a condessa nom tivesse lido *En las orillas del Sar* na data em que pronunciou o seu discurso, e o feito de citar o título trabucadamente na nota posteriormente incorporada, é indício de que, mesmo neste segundo momento, só o conhecia de ouvidas.

Hai muito de incompresom por parte de dona Emília. Viu a Rosalia como um representante destacado do renascimento que ela desejava: costumista, colorista, folclórico, limitado em soma; e a condessa nom transcende do conceito de autenticidade, ou sinceridade, que ela utiliza como categoría crítica para o enfoque da literatura re-

(32) *Ibid.*, p. 41.

(33) *Ibid.*, p. 35.

(34) *Ibid.*, p. 33.

(35) *Ibid.*, pp. 32, 33.

gional, e assi, achando autenticidade nos *Cantares*, nom a acha naquela “mayor parte” de *Follas Novas* em que “Rosalia habla por cuenta propia”, e isto derradeiro é outra opiniom que convém sublinhar já que nom se pode contemplar *Follas Novas* nem como livro unitário nem como exclusiva manifestaçom de vivências ou confidências persoais da autora.

Este erro de óptica leva a umha nova limitaçon: umha parte tam fundamental no livro como a das viúvas nom lhe merece à Pardo Bazán nem umha mençom. Perguntamo-nos se é que, ao seu juízo, som sempre confessons próprias, ou é que limita humanamente ao povo galego que se sofre nom exterioriza a sua tragédia, ou é que a língua galega carece de meios de expressom para a intimidade trágica, ou é que ao seu juízo nom hai tragédia. Semelha que a mulher galega pode pedir um home a Santo António com a familiaridade tradicional para com os santos, mas nom pode ou nom é capaz de exprimir os seus mais íntimos sentimentos, e, mesmo, nesta poesia de *Cantares* parafraseada por dona Emilia, asombra que nom capte a pincelada trágica, a miséria de que é consciente a moçinha casadeira, ficando só na superfície do poema (36).

Em resumo, volvendo a *Follas Novas*, hai na crítica emiliana absoluta limitaçon (consideraçom unitária e perspectiva subjeitiva e persoal), esquematismo no enfoque do povo galego (cujá tristeza di ser resignada sem cair em sombria nem tétrica), limitaçon lingüística (nom lhe parece auténtica nem oportuna a utilizaçon da língua nesse contexto), visom restritiva do renascimento galego e da literatura regional, e portanto limitaçon do público destinatário.

Deste livro mais nada diremos. Murguia, em moitas cousas próximo às opiniõs e critérios actuais, soubo já daquela, no 1896, fazer umha defesa do volume rosaliano anticipando-se aos tempos, e valorou a faceta da autora que, certamente, segundo os vaivéns do gosto do público, compartiu e comparte com *Cantares* os merecimentos da obra galega rosaliana.

Só, já para finalizar, indicar que, canto ao resto da obra galega da nossa autora (o “Conto Gallego” ou os prólogos dos seus livros, que bem revelam a mui destacada prosista galega que se encerra em Rosalia), dona Emilia se sume num silêncio total, justificado certamente no caso do “Conto Gallego” pola inacessibilidade ao original, entom inédito. O omissom tamém abrange as obras menores castelhanas.

* * *

O asepticismo na crítica é mais aspiraçon que logro. E somos conscientes que os juízos críticos da condessa devem ser contemplados no seu contexto, isto é fundamental: é indubitábel que sobre ela tinham que incidir umhas condiçons ambientais, umha formaçon, etc., que nom lhe possibilitárom daquela a comprensom de todo canto transcendesse do costumismo e da etnografia em matéria de letras galegas.

O transfondo que lateja no seu discurso nom está ainda hoje arrumbado por muitos. O que nom asseguramos é que dona Emilia nom chegasse a modificar o exposto e 1885, na sua primeira leitura pública. Viveu até 1921; trinta e seis anos som anos

davondo, mas nom se volveu a ocupar da nossa autora, mesmo declarou que nom o faria mentres Murguia vivesse. Murguia sobreviveu à condessa pois faleceu em 1923.

É tamém possível que dona Emília professasse certa prevençom persoal por Rosalia, ou se se quer por Murguia, ou por ambos os dous (37). Murguia, nas suas “Cuentas ajustadas, medio cobradas”, destapa-se com umha crítica na que nom falham aluns persoais de todo tipo, carentes de imparcialidade e serenidade. Quizá el lia entre linhas no volume *De mi tierra* e tinha antecedentes e dados que, com a distáncia do tempo ou por outras causas, hoje se nos escapam, mas tamém o historiador devia de ter certos prejuízos e ressentimentos persoais.

Pode discutir-se se o discurso era ou nom o apropiado ao serao necrológico, ou se “pisou” ou nom possibilidades a Castelar ao encasilhar, na leitura pública, a Rosalia e restringir a sua obra; poderia comentar-se a conveniência ou nom de certas manifestaçoms (por exemplo, nom nos parece mui apropiado falar do carácter lucrativo do exercicio da poesia); é certo que no discurso hai muito dogmatismo e sentimento de estar em possemom da verdade absoluta, e um aquel de paternalismo que denota superioridade, mas parece-nos excessiva e extremada umha das argumentaçoms de Murguia: dona Emília, di, condenou o emprego da língua galega em assuntos superiores e deu a entender que os que lhe quadravam à nossa literatura eram os de poeta de orde inferior para assi rebaixar o mérito de Rosalia (38).

É certo que, cando dona Emília fala de “insigne poeta” engade a restriçom de “regional”. O professor Varela Jácome, que define o discurso como umha homenagem aos autores galegos, responsabiliza à condessa da localizaçom de Rosalia, localizaçom que persistiu tempo davondo (39), e assi é, mas essa localizaçom e estreiteza de visom remite-nos à concepçom que a condessa tinha da literatura e autores regionais, ao seu conceito da língua galega e, no trasfondo, à visom de Galiza que se nos manifesta através de *De mi tierra*.

Mas atendo-nos estritamente ao nosso objectivo, finalizamos concluindo que dona Emília limitou e circunscreveu o Rexurdimento, como tamém restringiu a utilizaçom do galego na literatura que nom desenvolvesse temas do país, e ao tempo confinou a obra rosaliana, reduzindo a image da nossa autora. Da abundância de motivos e facetas falou, como dixemos, o professor Carvalho Calero, sempre magistral nas suas intervençoms, e já aclarou como a multiplicidade de aspectos de Rosalia tem sido obliterada, sacrificada a individuais preferências de enfoque motivadas por limitaçoms ideológicas ou prejuízos escolásticos.

(37) Benito Varela Jácome, “Emilia Pardo Bazán, Rosalia Castro y Murguia”, *Cuadernos de Estudios Gallegos*, t. VI, 1951, pp. 420, 421.

(38) “Cuentas ajustadas, medio cobradas”, *La Voz de Galicia*, 15 de Diciembre, 1896.

(39) “Emilia Pardo Bazán, Rosalia Castro y Murguia”, pp. 406 e 411.